

UM OLHAR SOBRE O PROJETO LITERATURA POPULAR: REPENTISTAS, VIOLEIROS E CORDELISTAS DE BATURITÉ

Glícia Maria Araújo Lima Torres¹
Sofia Regina Paiva Ribeiro²

RESUMO

Este artigo apresenta a literatura popular como atividade pedagógica no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Donaninha Arruda, em Baturité, integrando o projeto “Literatura Popular: Repentistas, Violeiros e Cordelistas de Baturité”. O projeto centra-se na importância do conhecimento e valorização dos autores do cordel. A pesquisa foi realizada buscando observar e registrar os autores locais através de uma pesquisa-ação, com pesquisa exploratória de caráter qualitativo e quantitativo, para identificação dos autores a partir de observações nos bairros da cidade. O embasamento teórico utilizado fundamentou-se em autores como Benjamin, Cascudo, Freire, dentre outros. Constatou-se que a cultura popular presente nas relações cotidianas da comunidade pode ser vivenciada na escola como parte integrante do currículo de literatura brasileira tendo como foco os autores locais e sua produção literária. A partir dos dados coletados depreende-se que o ensino de literatura popular passou a ser considerado como tema relevante tanto para os autores identificados, como para os estudantes que passaram a incluir esse gênero no seu processo de conhecimento e letramento, funcionando como registro identitário e histórico dos aspectos culturais do seu contexto social.

Palavras-chave: Cultura Popular, Literatura Brasileira, Poesia-Cordel, CEJA -Baturité.

INTRODUÇÃO

A Literatura de Cordel vem desde a tradição medieval na Europa associada ao ato milenar de contar histórias, chegando à América através dos colonizadores portugueses por volta dos séculos XVII e XVIII fixando-se notadamente, no nordeste brasileiro (GALVÃO, 2010). A literatura popular em versos constitui o cordel, a poesia de rua, o teatro de rua, os emboladores, os cantares e orikís, as rezas e ladainhas, os clichês, cantigas de roda, os versos da capoeira, os trava-línguas, as adivinhas, os provérbios e o rap.

1 Glícia Maria Araújo Lima Torres. Especialista em Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Ceará - UECE, Graduada em Letras na Universidade Estadual do Ceará-UECE. Professora na Rede Pública Estadual em exercício na Escola de Ensino Fundamental Municipal Coronel Estevão Alves da Rocha, gliciaalima@gmail.com
2 Mestra em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira-UNILAB-CE. Graduada em Letras na Universidade Estadual do Ceará-UECE. Professora na Rede Pública Estadual em exercício no Centro de Educação de Jovens e Adultos Donaninha Arruda, sofiarpr@gmail.com

Em toda essa produção cultural popular em versos encontra-se presente a ação de contar histórias a partir das vivências do narrador. Nesse contexto, as narrativas oral tem suas origens nos narradores e narrativas medievais. O poder da palavra garante e preserva ensinamentos, uma vez que possui uma energia vital com capacidade criadora e transformadora do mundo. Benjamin (1994) afirma que as narrativas contadas eram anônimas e divulgava as experiências do narrador para transmitir: ensinamento moral, provérbio, sugestão prática, norma de vida.

No Brasil, considera-se o cordel uma junção nordestina da oralidade com a escrita, da poesia com a prosa, da linguagem da arte com a linguagem natural, herdando da primeira o ritmo-métrica, a musicalidade, a rima, o verso, a estrofe, a invenção, e da segunda, a objetividade, a lógica, a linguagem simples e direta, de compreensão fácil para os iletrados.

Por isso ser tão popular por recorrer aspectos fundamentais das principais formas de comunicação: o texto escrito e a oralidade. Assim, por ter o cordel seu desenvolvimento ligado a esta região, na concepção de Cascudo (1986) torna-se um registro da região nordeste.

O marco introdutório do cordel no Brasil, consta a publicação, em 1830, do primeiro folheto de cordel intitulado “Zezinho e Mariquinha” ou “A Vingança do Sultão”, do cantador Silvino de Pirauá de Lima. Em seguida, vem a dupla Leandro Gomes de Barros, considerado o maior de todos, e Francisco das Chagas Batista (GALVÃO, 2010).

Recife transformou-se na cidade pioneira na impressão de folhetos de cordel com sua profusão de tipografias, enquanto o Estado da Paraíba tornou-se palco privilegiado de cantadores de viola do nordeste.

O cantador é um tipo bem peculiar de contador de histórias que no início improvisava quadras sobre fatos, acontecimentos, histórias enfim, tudo que pudesse ser traduzido em versos. Assim, os cantadores e contadores de histórias percorriam o mundo levando na memória fatos, invenções, ensinamentos narrados/cantados nas feiras, praças e terreiros das residências.

Outra parte de artista popular preferiu investir em rabiscos, na escrita até chegar ao livro. Foram assim, vertentes diferentes de transmissão da memória e conhecimento - a popular e a erudita, considerada ambas importantes no processo de evolução da humanidade.

Os cantadores, violeiros, repentistas e emboladores se apresentam em dupla, criando versos de improviso sobre temas propostos pelo público através de desafio. Já o cordelista, o poeta que escreve em versos, geralmente recita versos para uma plateia, conduz seus folhetos numa maleta que pode servir de banca e viaja de praça em praça, de feira em feira, de casa em

casa. Pode pendurar seus livretos num barbante para vendê-los daí, surge a terminologia cordel.

Identifica-se no Ceará, na década de 1980, que o cordel estava quase no anonimato, quando o piauiense Guaipuan Vieira fundou o “Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste”- CECORDEL, em Fortaleza, revitalizando-o e concentrando outros profissionais (LOPES, 1994).

Em Baturité-Ceará, constatou-se que a literatura popular em versos, o repente, o cordel, a cantoria está em processo de anonimato, com dificuldades de identificação dos autores dessa arte nos espaços sociais.

A partir da necessidade de valorizar e divulgar esses elementos da cultura popular local, presentes no contexto multicultural e que é relegado muitas vezes a segundo plano pela sociedade e também pela escola, realizamos este estudo. Por isso, objetivamos a identificação de repentistas, violeiros e cordelistas do município, ampliando o contato da comunidade escolar com o universo da literatura popular em versos e seus autores de modo a favorecer a integração de saberes presentes na comunidade no currículo escolar do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Donaninha Arruda pela ótica de seus integrantes.

METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo, descritiva e explicativa, tendo em vista que buscou observar e registrar a cultura do cordel em Baturité, identificando os repentistas, violeiros e cordelistas, e sua obra literária, classificando-a conforme padronização técnica de coleta de dados (uso de questionários, diário de observação sistemática e registro midiático).

O universo de estudo compreende a realização de uma pesquisa-ação (Vieira; Campos, 1979) de caráter qualitativo e quantitativo, visando identificação de repentistas, violeiros e cordelistas, e sua produção literária, do município de Baturité para socializá-la na comunidade visando maior valorização desse gênero literário.

Franco (2005) e Thiollent (1996) consideram a pesquisa-ação como um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes, representativos da situação e/ou do problema, estão envolvidos de forma cooperativa e participativa.

Foi elaborado um questionário semiestruturado aplicado às pessoas mais idosas (avós dos estudantes e amigos) de várias localidades da comunidade de Baturité que se seguiu também

de entrevistas abertas e observações nos discursos dos entrevistados da rotina de suas atividades de lazer, visando detectar a presença de cordelistas, repentistas e violeiros, permitindo um olhar mais atento sobre a dinâmica cultural (atividades de lazer ligadas ao cordel) na comunidade. Contou também, com utilização de pesquisa bibliográfica, nos portadores de textos da internet, e no acervo da biblioteca escolar e do município como meio aprofundar os conhecimentos a respeito do tema.

DESENVOLVIMENTO

A Educação de Jovens e Adultos e o CEJA Donaninha Arruda

A Educação constitui um processo contínuo que deve ser perseguido ao longo da existência humana. Nessa direção, a Educação de Jovens e Adultos-EJA tem uma importante missão a cumprir perante aqueles que esperam ter suas vidas restauradas pela educação de modo a dirimir às diferenças com promoção do respeito e da igualdade de acesso para jovens, adultos e idosos com o mesmo padrão de qualidade requerido para as outras categorias da população que estão na idade escolar adequada. O público é diversificado com faixa etária variada e que tem em comum o fato de nunca ter procurado ou excluído do processo educacional em momentos diferentes de suas vidas por diversas razões das mais diferentes ordens: sociais, educacionais, étnicas e de gênero.

A modalidade educacional está respaldada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB (Lei n. 9.394/96) em sincronia com a Constituição Federal de 1998, que ratifica o dever do Estado de oferecer acesso e garantir a permanência de jovens e adultos que não concluíram seus estudos na idade própria, mediante ações integradas e complementares entre si”. Alguns pontos relevantes sobre a EJA na LDB, destaca os princípios norteadores do ensino: “(...igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; (...) pluralismo de idéias e concepções pedagógicas; (...) garantia do padrão de qualidade; (...) valorização da experiência extra-escolar; (...) vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”.

Um marco valioso para o ensino de jovens e adultos foi o Parecer CNE/CEB 11/2000 que passa a considerar a EJA como modalidade específica da educação básica. Para isso, deve “estabelecer processos e tempos de ensino, bem como conteúdos e métodos que considerem o perfil do aluno, suas formas de relacionar-se com o conhecimento e de atuar e viver na sociedade”. O documento apresenta dois princípios norteadores para estruturação da EJA: a contextualização e a flexibilidade. Esses princípios enfatizam a importância da consideração

da heterogeneidade do público da EJA, devendo ser parâmetro para a construção do currículo, considerando a experiência do repertório desse público, que possui uma bagagem de conhecimentos adquiridos em outras instâncias sociais, visto que a escola não é o único local de produção e socialização dos saberes. Dessa forma, a ação educativa deve aproveitar o saber cotidiano, baseado no senso comum, e problematizá-lo, buscando a reflexão crítica e a possibilidade de superação e aquisição de outros conhecimentos.

Assim, os dispositivos legais asseguram o ensino como direito de todas as pessoas e como condição para o acesso aos demais direitos. Mesmo assim, na maioria das vezes tal direito não chega ao alcance de todos. Isso se configura no número acentuado de pessoas em condições de analfabetismo por não ter acesso as instituições escolares no tempo devido ou mesmo por não se adequar a elas por diversos motivos, portanto não concluíram a educação básica.

Para suprir essa necessidade urgente, em geral, a oferta de Educação de Jovens e Adultos nas escolas acontece em cursos de tempo reduzido, no turno da noite. No Ceará, a modalidade é ofertada nas escolas municipais, recebendo as seguintes denominações: EJA 1- Alfabetização; EJA 2 e 3 - Ensino Fundamental 1º segmento; EJA 4 e 5 - Ensino Fundamental 2º segmento. O Estado oferece EJA nas escolas de nível médio, denominando de EJA presencial.

Os Centros de Educação de Jovens e Adultos-CEJA(s) apresentam-se como um diferencial no contexto educacional, pois são exclusivos para EJA. No Ceará, são 32 centros: 9 (nove), em Fortaleza e 23(vinte e três) no interior do estado. Ofertam a modalidade semipresencial com matrículas o ano todo para atender as demandas da Educação Básica nos três turnos ininterruptos, com uma ação educativa voltada especialmente para jovens a partir de 15 anos (Ensino Fundamental) e adultos, a partir de 18 anos (Ensino Médio).

Nos CEJA(s), o aluno estuda as disciplinas agrupadas em módulos que vai concluindo um a um até finalizar a Educação Básica. Há flexibilidade na frequência, que deve ser no mínimo uma vez por semana, podendo o estudante escolher o melhor dia e horário para estudar, tirar suas dúvidas com o professor e fazer provas na sala de avaliação, que contém um banco de avaliações de todos os componentes curriculares. Sendo assim, a duração do curso vai depender da disponibilidade e interesse e desempenho do estudante (SANTOS 2010).

Nesse contexto, encontra-se também o Centro de Educação de Jovens e Adultos-CEJA Donaninha Arruda que foi planejado para escolarização de jovens e adultos com atuação no cenário educativo da Região do Maciço de Baturité onde está inserido, atendendo as demandas educativas dos 13(treze) municípios que a compõe, a saber: Acarape, Aracoiaba,

Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Itapiúna, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia e Redenção. Pertence a rede estadual de ensino oficial do Ceará, mantido pela Secretaria de Educação Básica do Ceará-SEDUC, da jurisdição da 8ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação-CREDE 8.

Conforme o Sistema Integrado de Gestão Educacional-SIGE (2019), a escola conta atualmente com 983 alunos, sendo 246 no ensino fundamental e 737 no ensino médio.

Desde sua fundação em 15 de março de 1999, mas somente publicado seu decreto de criação nº 25904, em 5 de junho de 2000, a sua filosofia educativa está fundamentada na credibilidade que ensinar envolve o diálogo como essência da educação vista como fenômeno humano transformador, indicativo de práxis como ato de criação que promove a superação para a conquista dos homens em busca do conhecimento e da compreensão do mundo (FREIRE, 1975).

Dessa forma, o seu Plano Político Pedagógico-PPP (2019) busca a qualidade nos serviços educacionais prestados a comunidade de modo a possibilitar aos estudantes uma formação humana integral com a conclusão da Educação Básica, oportunizando a continuidade dos estudos ao longo da vida e assim, possibilitando atingir a outros graus mais elevados de escolaridade e/ou entrar no mercado de trabalho.

Nessa visão, a proposta educativa do CEJA Donaninha Arruda permite atender um conjunto de necessidades dos estudantes para a sua formação e construção do conhecimento, integrando-se as dimensões da produção artística e cultural que vai do local ao global.

Assim, pela diversidade do seu público atendido com faixa etária diferenciada, a escola se transforma num espaço de efervescência e ebulição de cultura. Nessa perspectiva, Fourquim (1993) diz não existir uma “ordem humana da cultura como um tecido uniforme e imutável”, ao contrário, ela difere de tempos e espaços sociais estando submetida aos acasos “das relações de forças simbólicas vulnerável aos modos de transmissão e perpetuação”.

A apropriação da dita “cultura popular” vivenciada no seio das comunidades possibilita a oxigenação da escola e do processo formal de ensino, trazendo toda a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana. Possibilidades múltiplas descortinadas pelos próprios estudantes e também pelos mestres de cultura popular, mostrando que deve haver uma conexão dos saberes presentes nas comunidades com a escola. Há uma preocupação em ensinar na escola o valor cultural e artístico de nossa formação que reuniu e continua reunindo, vários jeitos e conhecimentos e modos de fazer. Esta mistura de gentes, que é o nosso público constitui o nosso grande potencial criativo, que cria formas de comunicação e arte, formas de cultura.

Nesse intuito, a ação educativa do CEJA traz para cena projetos de cultura popular como o “Projeto Cultura Popular: Repentistas, Violeiros e Cordelistas de Baturité”, permitindo reorientar a ação educativa para possibilitar uma comunicação entre as ações culturais do centro e da periferia, dirimindo as posições hierarquizantes entre esses dois polos, de modo a contribuir na formação dos estudantes, sendo capazes de reconhecer a diversidade como elemento fundamental para uma sociedade mais justa e igualitária.

A Literatura de Cordel

A Literatura de Cordel, antiga tradição brasileira importada de regiões europeias, chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses, a partir do século XVII-por volta de 1601, com as “folhas soltas” ou “folhas volantes” assim denominadas em Portugal (ABREU,1999).

Posteriormente, com o surgimento das tipografias no período de 1890 a 1900, a literatura de cordel se fixou no nordeste brasileiro como uma das peculiaridades da cultura regional, sendo difundida amplamente por toda a região nordeste disseminando-se por outras regiões do Brasil a partir das narrativas orais e das leituras em grupo pelas comunidades.

Com Leandro Gomes de Barros, no final do século XIX, o cordel toma corpo, constrói um espaço de representação e de ampliação das manifestações populares. Abreu (1999) diz que “embora não fossem cantadores, [...] Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista” são considerados por ele os pioneiros na impressão de folhetos.

Além disso, o cordel se enraíza no nordeste brasileiro em função de diversos aspectos, respectivamente: a questão étnica, de grande relevância desde a mais tenra idade da devida colonização brasileira; a falta de acesso ao conhecimento produzido, deixado apenas para os senhores de engenho, os coronéis, políticos e seus familiares; de haver neste nordeste, marcado pela seca, um ambiente basicamente ruralista, onde a forma e maneira de produzir passavam diretamente por uma cultura de subsistência humana e por que havia neste espaço situações marcadas por um forte messianismo, as peripécias do cangaço, do assistencialismo político, em especial com a indústria da seca.

Desta maneira, o cordel não só, torna-se um grande instrumento de apoio e de luta para a cultura popular brasileira, mas também funciona como o refúgio, o aporte, o complemento para uma vida sofrida de mãos calejadas pela “lida” camponesa.

Em virtude deste cenário, Abreu (1999), considera que, entre o final do século XIX e os anos 20, a literatura de folhetos consolida-se: definem-se as características gráficas; o

processo de composição edição e comercialização; constituindo-se um público para essa literatura.

Havia autores que viviam de compor e vender versos. Eram pertencentes a camadas populares. Os folhetos produzidos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos. Parte dos folhetos tematizava o cotidiano nordestino. Os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos.

Viana (2005) considera, “a poesia popular impressa, denominada literatura de cordel, uma das mais legítimas expressões culturais do povo nordestino”. Cascudo (1986) reitera dizendo que também a chamada literatura popular é “[...] tipicamente impressa, não exclui a passagem à oralidade. É veiculada por meio de folhetos que abordam os mais variados assuntos.

Slater (2000), afirma que o termo Literatura de Cordel constitui uma denominação dos intelectuais brasileiros que a partir das décadas de 1960/1970 adotaram a mesma nomenclatura usada em Portugal para referir-se aos folhetos de cordel.

Evaristo (2001, p.119) diz que o cordel constitui-se de um gênero intermediário entre a oralidade e a escrita. Faz um ponto de passagem entre uma cultura popular e a literária. Por esta razão, mantém algumas pistas da oralidade ao ser transposto para o texto escrito e impresso. As histórias são contadas e recontadas pelo sujeito narrador que dialoga com o já produzido, reelaborando o que ouviu e dando a sua própria contribuição; do seu repertório adquirido, nas experiências do contexto sociocultural.

Assim, há diversas temáticas que são utilizadas na literatura de cordel. Câmara Cascudo (1953), afirmava que os assuntos dos folhetos são infinitos. Os versos relatam acontecimentos, fatos políticos, artísticos, lendários, folclóricos ou pitorescos da vida. Sua produção é simples como o povo, por isso alcança diversos grupos sociais.

Um desafio da escola é inserir na sua ação pedagógica atividades que envolvam a cultura popular para a compreensão dos fazeres da sua realidade por uma via crítica, sentido-se capaz de valorizá-la e transformá-la. Freire (1983, p.113) referencia que a educação trava uma relação dialética com a cultura, portanto a experiência educativa não deve sobrepor-se à realidade contextual dos sujeitos, para ficar isenta de cometer as falhas de uma educação voltada para a alienação.

As necessidades de expressões através das linguagens artísticas e, também, a urgência de nos entendermos como seres culturais e históricos, abrem possibilidades de traçarmos arte e

cultura popular na educação, no chão da escola, pensando em validar a identidade e cidadania brasileira.

Nessa visão, o “Projeto Cultura Popular: Repentistas, Violeiros e Cordelistas de Baturité” parte de uma ação cultural, símbolo da sua raiz cultural da comunidade local, em particular a poesia oral e escrita, repensando-a a partir da associação entre a sua experiência de vida e a autônoma interação com/entre os agentes da cultura popular.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tentativa de estabelecer uma conexão da produção artística local com a instituição educacional CEJA Donaninha Arruda , o estudo focou o município de Baturité sobre o prisma da cultura; vista como um conjunto de práticas que se configura uma visão de mundo, onde o grupo social organiza suas práticas e estão presentes os elementos que permitem compreender as representações sociais, seja a literatura, sejam os rituais da comunidade que funcionam como expressões produtoras de significados a vida individual e social, de modo favorecer o processo de construção do fazer histórico.

Assim, o estudo ressaltou a importância de valorizar cultura popular, a literatura de cordel de Baturité, identificando seus autores e produções. Os dados da pesquisa revelaram que há autores da poesia em versos oral e escrito, contabilizando 7 (sete) autores: 2 (dois) cordelistas- Raimundo Julião, da localidade Coió e Pádua de Queiroz, da localidade Jesuítas com livretos publicados; 5(cinco) repentistas e violeiros-Francisco Chagas Xavier, Oziete Xavier e Raimundo Soares, da Manga; Pedro Soares, da Raposa e Júlio Soares da localidade Oiticica com obra oral, sem registro escrito.

Dessa forma, constatou-se a predominância de autores que ainda estão ligados a tradição oral com base em raízes europeias da Idade Média, tendo a sua poesia transmitida apenas de forma oral, sem preocupação em registrá-la na escrita. Visam apenas cantar e recitar os seus versos para uma plateia interessada em assisti-los. Isso prova que nos dias atuais a tradição de narrar possui sua força, também na oralidade que constitui uma forma encarnada de registro, tão complexa quanto a escrita, que faz uso de gestos, retórica, de improvisações, de canções líricas e épica.

Além disso, foi identificado autores que registram seus versos através de folhetos impressos, que os expõem para venda em feiras e eventos culturais, revelando um sentido agregador, na medida em que, no momento de comercialização, são contados oralmente, trechos de histórias para os ouvintes.

Assim, a pesquisa conseguiu identificar os cordelistas, repentistas e violeiros de Baturité, creditando maior importância desse gênero literário no contexto educacional e da comunidade.

Com a identificação dos cordelistas os professores de literatura e estudantes pesquisadores da escola promoveram a troca de conhecimentos entre autores do cordel local, envolvendo os diversos segmentos da escola e a comunidade local através da organização de um evento cultural denominado “Resgatando o Cordel” que contou com a exposição das produções dos autores locais e dos estudantes criadas em oficinas e expostas em varaus literários. Além disso, houve uma roda de viola com os violeiros, repentistas e cordelistas do município que apresentaram os seus versos em interação com os participantes, mostrando que a cultura do cordel continua viva na comunidade.

Nesse sentido, conseguiu-se mostrar que é possível desenvolver na escola o auto-conhecimento cultural-artístico da comunidade em que está inserida tendo a cultura popular como alicerce para o processo de construção do conhecimento de jovens, adultos e idosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura popular está presente nas relações cotidianas da comunidade e na escola, já que conta fatos das vivências dos atores sociais que estão inseridos nela. Nesse sentido, a atuação da escola como difusora da cultura popular integrando os saberes locais ao seu currículo é essencial para manter viva a tradição da poesia oral e escrita produzida pelos autores da comunidade, fortalecendo o vínculo do conhecimento empírico com o erudito.

Assim, o estudo desencadeou mecanismos que possibilitou a participação ativa dos estudantes e comunidade local, no sentido de atuarem como pesquisadores, incentivando o estudo da cultura do cordel do município. Os autores identificados desse gênero passaram a creditar maior importância no seu fazer literário, tornando-se global a partir da socialização dessa cultura, nos diversos espaços sociais da comunidade.

Dessa forma, depreende-se que o ensino de literatura popular passou a ser considerado como tema relevante tanto para os autores identificados, como para os estudantes que passaram a incluir esse gênero no seu processo de conhecimento e letramento, funcionando como registro identitário e histórico dos aspectos culturais do seu contexto social.

Sendo assim, diante das atividades desenvolvidas, constatou-se que o “Projeto Cultura Popular: Repentistas, Violeiros e Cordelistas de Baturité” contribuiu para o processo de aprendizagem dos estudantes sobre a temática do cordel, divulgando seus autores e

produções. Além disso, despertou o interesse dos estudantes em aprofundar o estudo da cultura local para sua valorização e preservação no âmbito escolar e social.

Em suma, a ação do projeto na escola motivou os estudantes e demais integrantes dela para o autoconhecimento cultural-artístico da comunidade que está inserida, fazendo uso desse conhecimento no currículo escolar, integrando-o aos componentes curriculares: Literatura Brasileira e Artes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras; ALB,1999.

BENJAMIN, Valter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:_____*. **In Mágica e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 1.

BRASIL, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Seção 1.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Os cinco livros do povo**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1994.456p.(edição fac-similar da 1ª edição – José Olympio, 1953.

_____. **Literatura Oral no Brasil** 3.ed. Belo Horizonte/São Paulo/Itatiaia/EDUSP/Fundação Casa Rui Barbosa,1986.

CEJA Donaninha Arruda. **Plano Político Pedagógico do Centro de Educação de Jovens e Adultos**, 2019.

EVARISTO, M. C. **O cordel em sala de aula**. *In:_____*. BRANDÃO, Helena Nagamine. Gêneros do discurso na escola. São Paulo: Cortez, 2001. p. 119-184.

FOURQUIM, J.C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológica do conhecimento escolar**. Tradução de Guacira lopes Louro. Porto Alegre: Artes & Médicas, 1993.

FRANCO M.A.S. **Pedagogia da pesquisa-ação. Eduaç. Pesqui**. [Internet]. 2005 [cited 2009 jul 30];31(3):483-502. Available from:<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em 12 de junho. 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo**. *In:_____*. FÁVERO, O. (Org). **Cultura popular, educação popular: memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. 2ª. ed. Belorizonte: Autêntica, 2010.

LOPES, José de Ribamar (org.). **Literatura de cordel: Antologia**. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1994.

PARECER CNE/CEB 11/2000, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/proeja_parecer_11_2000.pdf>.

SANTOS, Maria José Costa dos. Brasil. Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos na Diversidade. In: _____ **Curso de aperfeiçoamento em educação de jovens e adultos**. BRASÍLIA. Ministério da Educação/Secretaria da Educação continuada, Alfabetização e Diversidade. UFC: 2010.

SIGE. Sistema Integrado de Gestão Educacional. 2018. Disponível em: sige.seduc.ce.gov.br/. Acesso em 23 set. 2019.

SLATER, Candace. **A vida num barbante, a literatura de cordel no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

THIOLLENT M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1996.

VIANA, Arievaldo. **Acorda cordel na sala de aula**. O Mossoroense, Mossoró, RN, 2005. Disponível em: <<http://www.queimabucha.com/index.php?pagina=Artigos&ida2>>. Acesso em: 18 julho 2019.

VIEIRA, P. R.; CAMPOS, A. M. **Em busca de uma metodologia de pesquisa relevante para a administração pública**. Trabalho apresentado ao SEMINÁRIO SOBRE O ENSINO DE PESQUISA NOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PROMOVIDO PELA ANPAD, maio 1979.